

# HOT news 10

BOLETIM INFORMATIVO OFICIAL HOT CLUBE PORTUGAL DEZ'14



**A INTERNACIONALIZAÇÃO DO HOT  
IASJ (INTERNATIONAL ASSOCIATION  
OF SCHOOLS OF JAZZ)  
ATINA JAZZ CAMPUS  
CONFERÊNCIA JAZZ BEYOND BORDERS**

---

**A MEIO DA JORNADA — CICLO HISTÓRIAS  
DE JAZZ EM PORTUGAL**

**ONDAS DE RÁDIO, “RITMOS EXCÊNTRICOS”  
E GUITARRAS ELECTRIFICADAS: ALEIXO FERNANDES  
E AS ACTIVIDADES INICIAIS DO HOT CLUBE DE PORTUGAL  
AO JORGE REIS**

## HCPDEZ

2/3 TERÇA / QUARTA 22H30

### 2.<sup>a</sup> Festa SINTOMA RECORDS

DIA 2

MOFRANCESCO QUINTETTO

JOHANNES KRIEGER tp  
JOÃO CAPINHA sax a  
DIOGO VIDA pno  
FRANCESCO VALENTE baixo  
MIGUEL MOREIRA bat

PÓ DE SER

RITA MARIA, MIGUEL SOARES,  
JOÃO DAVID D'ALMEIDA, JOÃO NEVES,  
JOANA ESPADINHA, SUSANA NEVES voz

“BRAINSTORMING”

ANDRÉ MURRAÇAS sax t  
GONÇALO NETO guitar  
JOÃO BARRADAS acordeão  
ANDRÉ ROSINHA ctb  
MARCELO ARAÚJO bat

DIA 3

JOEL SILVA “GEYSER”

JOÃO MOREIRA tp  
JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA pno  
ANTÓNIO QUINTINO ctb  
JOEL SILVA bat

“TRIOLOGY”

RICARDO PINHEIRO guitar  
MIGUEL AMADO baixo  
BRUNO PEDROSO bat

JORGE MONIZ “INQUIETA LUZ”

JOANA ESPADINHA voz  
MÁRIO DELGADO guitar  
LUÍS FIGUEIREDO pno  
JOÃO CUSTÓDIO ctb  
JORGE MONIZ bat

4/5/6 QUINTA / SEXTA / SÁBADO

### Júlio Resende

DIA 4 > SOLO JÚLIO RESENDE pno  
DIA 5 > PROGRAMA A ANUNCIAR  
DIA 6 > PROGRAMA A ANUNCIAR

9/10 TERÇA / QUARTA

21H30 / ENTRADA LIVRE

### Histórias de Jazz em Portugal

DIA 9 > COMBO DA UNIVERSIDADE LUSÍADA

DIA 10 > “CARTA BRANCA” A CARLOS BICA

CARLOS BICA ctb  
JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA pno  
JIM BLACK bat

11 QUINTA

### João Hasselberg

APRESENTAÇÃO DO CD  
“TRUTH HAS TO BE GIVEN IN RIDDLES”  
DIOGO DUQUE tp  
RICARDO TOSCANO sax a  
LUÍS FIGUEIREDO pno, teclados, harmonio  
JOÃO FIRMINO guitar  
JOÃO HASSELBERG ctb  
BRUNO PEDROSO bat  
JOANA ESPADINHA voz

17/18 QUARTA / QUINTA

### Carlos Bica “AZUL”

FRANK MÖBUS guitar  
CARLOS BICA ctb  
JIM BLACK bat

19/20 SEXTA / SÁBADO

### “Mano-a-Mano”

APRESENTAÇÃO DO CD  
“MANO-A-MANO”  
BRUNO SANTOS guitar  
ANDRÉ SANTOS guitar  
ANTÓNIO QUINTINO ctb  
JOÃO PEREIRA bat

26/27 SEXTA / SÁBADO

### Demian Cabaud Trio

JEFFERY DAVIS vibrafone  
DEMIAN CABAUD ctb  
MARCOS CAVALEIRO bat

## HCPJAN

2/3 SEXTA / SÁBADO

### Mário Laginha Trio

MÁRIO LAGINHA pno  
BERNARDO MOREIRA ctb  
ALEXANDRE FRAZÃO bat

8/9 QUINTA / SEXTA

### “Tetterapadequ”

DANIELE MARTINI sax t, sop  
GIOVANNI DI DOMENICO pno  
GONÇALO ALMEIDA ctb  
JOÃO LOBO bat

10 SÁBADO

### Orquestra Jazz de Leiria

16/23/30  
TERÇAS-FEIRAS

ENTRADA LIVRE

**jam sessions**

*Ele não sabia que era impossível.  
Foi lá e fez.*

**JEAN COCTEAU**

2015 vai ser o ano da grande prova. A Escola do Hot vai ser anfitriã do Meeting da IASJ (International Association of Schools of Jazz). Só agora achámos que a escola tinha estrutura para abraçar esta tarefa de uma maneira consciente e competente. Vão ser precisas adaptações, vai ser necessário mobilizar sócios, músicos e amigos para uma verdadeira prova de “maturidade” desta instituição.

E é uma prova para fora.

Quando em 2012 eu e o Bruno Santos decidimos que era altura de aceitar o convite, achámos também que esta era uma boa oportunidade para levar o nome do Hot a outros países. Talvez seja um primeiro passo para a verdadeira internacionalização das nossas capacidades, dos nossos músicos e principalmente do jazz feito em Portugal.

Para isso a mobilização tem que ser geral. Em Junho de 2015 contamos com todos para provar não só que somos capazes, mas sobretudo que o merecemos. Para isso é preciso mobilizar também, as instituições deste país que podem e têm a responsabilidade de elevar o jazz português ao patamar a que ele mostrou ter direito.

Ao jazz português só falta isso. Ser ouvido fora das nossas fronteiras.

E temos aqui uma oportunidade de ouro.

**Inês Cunha**

**4**  
A MEIO DA JORNADA  
**CICLO HISTÓRIAS DE JAZZ  
EM PORTUGAL**

**8**  
ONDAS DE RÁDIO,  
“RITMOS EXCÊNTRICOS”  
E GUITARRAS  
ELECTRIFICADAS:  
**ALEIXO FERNANDES  
E AS ACTIVIDADES INICIAIS  
DO HOT CLUBE DE PORTUGAL**

**ENTREVISTA**

**13**  
PORQUÊ ESTUDAR  
EM TEMPOS LENTOS  
**RELAÇÃO ENTRE SOM,  
TEMPO E ARTICULAÇÃO**

**14**  
IASJ 2014  
**INTERNATIONAL ASSOCIATION  
OF SCHOOLS OF JAZZ**

**16**  
NOVIDADES AQUI DA  
ESCOLA E OS 25 ANOS  
DO IASJ

**16**  
ATINA JAZZ CAMPUS

**17**  
JAZZ BEYOND BORDERS

**18**  
AO JORGE REIS  
**ALGUNS DEPOIMENTOS**

**19**  
OIÇAM LÁ ISTO

**20**  
POST-IT  
**MEMÓRIAS DO HCP**

## **HOT**news 10

DEZEMBRO 2014

Direcção Inês Cunha / Colaboram neste número Inês Cunha, Bruno Santos, Luís Hilário, António Curvelo, Manuel Jorge Veloso, Joana Espadinha, Liliana Fartaria, Sara Vicente, Pedro Roxo, Miguel Lourenço, Bernardo Moreira, João Hasselberg e Luís Cunha / Design gráfico e paginação © HOTdog / Produção Luis Guilherme Cunha / Revisão Frederico Pinto / Capa HCP-LVB-FT-80-1. Retrato de Luiz Villas-Boas com Charles Delaunay, Paris, 1952 © TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

**HOT CLUBE DE PORTUGAL** Presidente da Mesa da Assembleia Geral Bernardo Moreira / Presidente do Conselho Directivo Inês Cunha / Presidente do Conselho Fiscal José Sousa Soares / **SEDE** Praça da Alegria, 48, 1250-004 Lisboa / Tel 213 460 305 **ESCOLA DE JAZZ LUIZ VILLAS-BOAS** Director pedagógico Bruno Santos **MORADA** Travessa da Galé, n.º 36, 1.º andar, 1300-263 Lisboa / Tel 213 619 740 / Fax 213 619 748



INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA  
PRÉMIO ALMADA NEGREIROS 2001  
MEDALHA DE MÉRITO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA CULTURA  
MEDALHA DE HONRA DA CIDADE DE LISBOA  
MEDALHA DE HONRA DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES  
MEMBRO FUNDADOR DA INTERNATIONAL ASSOCIATION  
OF SCHOOLS OF JAZZ

HOTNEWS É O BOLETIM INFORMATIVO  
OFICIAL DO HOT CLUBE PORTUGAL

**WWW.HCP.PT**  
**HCP@HCP.PT**  
**WWW.FACEBOOK.COM/HOTCLUBEDEPORTUGAL**

# A MEIO DA JORNADA

à memória do Jorge Reis

António Curvelo  
Manuel Jorge Veloso  
Outubro 2014

**Vencida metade da jornada, parece-nos oportuno fazer uma breve reflexão sobre os resultados alcançados após a realização das primeiras oito sessões do Ciclo “Histórias de Jazz em Portugal”. Para traçar um balanço dos objectivos finais; avaliar as expectativas iniciais; identificar erros, sublinhar ganhos e ultrapassar perdas; registar confirmações, anotar descobertas, alertar para surpresas, recusar situações incompreensíveis.**

**1. No programa geral do Ciclo, dissemos ao que vínhamos,** explicando o *porquê* das suas razões – aproveitar a *oportunidade única* que se vive na cena contemporânea do jazz (“*nunca o jazz em Portugal aconteceu assim*”) para realçar esse *momento singular* – que muitos de nós, de norte a sul, vimos testemunhando no dia a dia – caracterizado por múltiplas facetas: crescente número de músicos profissionais, com uma preparação instrumental de base e uma visão jazzística insuspeitadas há uma dúzia de anos; cruzamento de gerações e apreciável diversidade de estéticas musicais; progressiva descentralização, quer na proveniência geográfica dos músicos, quer na

## CICLO HISTÓRIAS DE JAZZ EM PORTUGAL

CO-PRODUÇÃO  
**HOT CLUBE DE PORTUGAL LISBOA**  
**CENTRO CULTURAL VILA FLOR GUIMARÃES**  
**COM A PARTICIPAÇÃO DE 65 MÚSICOS**  
**E 11 ESCOLAS DE JAZZ**

COORDENAÇÃO E SELECÇÃO DAS ESCOLAS DE JAZZ  
**BRUNO SANTOS**  
**JOÃO PEDRO BRANDÃO**

MEDIA PARTNER  
**ANTENA 2**

disseminação e afirmação regionais das instituições de ensino (escolas, universidades, *workshops*, *masterclasses* e outras iniciativas avulsas).

Uma realidade cuja existência e riqueza permanecem num limbo de quase-clandestinidade, ignorada do grande público por falta de visibilidade no universo dos *media* – públicos ou privados, radiofónicos ou televisivos, impressos ou *online*, generalistas ou “especialistas”.

Que resposta tiveram estas e outras questões ao longo das primeiras 8 das 16 sessões que compõem estas “Histórias de Jazz em Portugal”?

No que sabemos ser acompanhados pelos nossos mais próximos companheiros de aventura — o Hot Clube de Portugal e o Centro Cultural Vila Flor, de Guimarães, co-produtores do Ciclo — confessamos que as expectativas iniciais foram claramente ultrapassadas.

A singularidade actual do jazz que se faz em Portugal está à vista de todos os que contactaram directamente com o Ciclo – e foram milhares de espectadores/ouvintes, à escala de todo o território nacional, graças às transmissões integrais em *livestream* levadas a cabo pelo *Diário de Notícias/Jornal de Notícias* e às emissões de todas as sessões, editadas e em diferido, que vêm sendo efectuadas pela *Antena 2*, parceiros essenciais, aliás, para o êxito e divulgação alargada desta iniciativa.

**2. Começando por traduzir em números os principais objectivos do Ciclo,** acima referidos, constata-se que nas primeiras 8 sessões entrevistaram **110** músicos:

– **8 na qualidade de músicos-pivot (Módulo 1):** Mário Laginha, Zé Eduardo, Mário Barreiros, Jorge Reis, Carlos Barretto, Bernardo Moreira, Maria João, Carlos Azevedo;

– **23 como convidados entrevistados (Módulo 3):** José Nogueira,



Manuel Jorge Veloso, Jorge Reis e António Curvelo © Joaquim Mendes

Luís Cunha e Luís Figueiredo; Bernardo Moreira (Binau), Claus Nymark e Mário Delgado; Marcos Cavaleiro, Rodrigo Gonçalves e Rui Teixeira; João Capinha, João Lencastre e Paula Oliveira; André Carvalho, Bruno Santos e Paulo Gil; António Quintino, José Salgueiro e Óscar Graça; João Moreira e Marta Hugon; Desidério Lázaro, Hugo Alves e Paulo Perfeito;

– **36 como membros dos concertos “carta branca” (Módulo 4)**, em formações que variaram entre o duo e o octeto;

– **43 alunos, integrantes dos combos das Escolas de Jazz (Módulo 2)**

Correspondendo ao desejado **cruzamento de gerações**, os 31 músicos participantes nos Módulos 1 e 3 representam as várias gerações do jazz em Portugal: 2 da primeira, ainda amadora (nascidos nas décadas de 1930/40); 13 da segunda (1950/60) e 16 da terceira (1970/80), ambas já profissionais. Números a que há que acrescentar, ainda, a próxima geração constituída pelos alunos das Escolas, na sua maioria nascidos na década de 90.

As primeiras 8 sessões espelham, igualmente, o fenómeno da **descentralização geográfica**, quer ao nível dos músicos profissionais, quer ao nível das Escolas: três da região Centro (Albergaria-a-Velha, Aveiro e Coimbra), quatro do Sul (uma de Cascais e três de Lisboa) e uma do Norte (Porto). Uma realidade que se manterá na segunda metade do Ciclo.

Uma súmula que atesta a amplitude do **espectro multidisciplinar** perseguido pelo Ciclo, designadamente nas suas vertentes geracional, estética e regional. E que permitiu levar a uma vastíssima plateia, em muitos casos pela primeira vez, detalhadas informações biográficas e musicais (incluindo a audição de exemplos gravados e a disponibilização de discografias individuais seleccionadas) relativas a todos os 31 músicos especialmente convidados (*músicos-pivot*

e entrevistados). Está a concretizar-se, assim, um dos objectivos essenciais do Ciclo: a divulgação do trabalho de uma parte significativa (ainda que reduzida) dos músicos que marcam a cena contemporânea do jazz em Portugal. Divulgação que prosseguirá nas restantes 8 sessões ainda por realizar.

Acresce, ainda, a circunstância de ficarem dissipadas quaisquer dúvidas quanto à suposta “hierarquização de estatutos”, totalmente absurda e injustificada (e, aliás, sempre expressamente recusada pelos autores e co-produtores do Ciclo), do tipo “*músicos-pivot versus outros convidados*”, ou “*líderes versus sidemen*”.

Uma palavra, ainda, sobre outro objectivo prioritário do Ciclo, que nos parece alcançado: por um lado, o desejo de pôr os músicos a falar entre si e de si, em público, analisando as suas próprias carreiras pessoais e sublinhando o papel de alguns nomes (*músicos-pivot*) na(s) história(s) do jazz em Portugal; e, paralelamente, a tentativa de estimular (no âmbito dos concertos “carta branca” e pese embora uma retribuição que só pode ser entendida como simbólica) a apresentação de novos projectos e de criar oportunidades para concretizar reencontros há muito adiados (Zé Eduardo e João Paulo Esteves da Silva, por exemplo, não tocavam juntos há 36 anos!), ou promover colaborações inéditas. Sem esquecer, também, o importantíssimo desafio feito aos jovens alunos das Escolas para descobrirem na prática (pelo estudo e pela actuação em palco, mesmo que com flagrantes e naturais desníveis qualitativos atentos os diferentes graus de ensino em presença) a obra de músicos incontornáveis do jazz nacional, que muitos deles provavelmente apenas conheceriam de nome.

**3. Mas nem tudo tem sido, naturalmente, positivo.** Da nossa parte, nem sempre conseguimos assegurar o melhor equilíbrio (difícil,

**Está a concretizar-se, assim, um dos objectivos essenciais do Ciclo: a divulgação do trabalho de uma parte significativa (ainda que reduzida) dos músicos que marcam a cena contemporânea do jazz em Portugal. Divulgação que prosseguirá nas restantes 8 sessões ainda por realizar.**

é certo) entre a conversa com os nossos convidados e a imperativa audição dos exemplos musicais (já de si sacrificados pelos inevitáveis *fade ins & fade outs*), “empurrando” as actuações dos combos das Escolas e os concertos “carta branca” para horas tardias.

Um preço talvez inevitável face à preocupação prioritária de alargar a representatividade do Ciclo o máximo possível, mas que (valha-nos isso!) será eventualmente minorado pela possibilidade da audição editada e diferida de todos os Módulos, via Antena 2. No âmbito da participação das Escolas, nem sempre a efectiva colaboração entre *músicos pivot* e docentes, com a participação dos alunos, terá assente num diálogo mais próximo, o que originou alguns equívocos pontuais.

Em relação a estes últimos, muito negativa tem sido a quase nula afluência da comunidade escolar (quer da zona de Lisboa, em relação às sessões no Hot, quer em Guimarães, quanto às sessões no CCVF, cidade cuja Escola de Jazz está a viver os seus primeiros anos lectivos), desaproveitando-se, assim, a oportunidade de um contacto directo com a obra de muitos dos músicos mais relevantes na história do jazz português.

Idêntico desinteresse tem demonstrado, aliás, o mundo académico universitário, cuja distância e alheamento quase total são tanto mais inesperados quanto a área de investigação sobre o jazz em Portugal vem manifestando uma vitalidade também inédita.

Do lado do público, ao insuficiente número de espectadores, correspondendo porventura às expectativas mais realistas, não será alheio o facto de as sessões decorrerem em dias úteis e acabarem sempre depois da meia-noite. Por seu lado, as visualizações das transmissões em *livestream* ultrapassaram largamente as previsões.

Salvo raríssimas excepções (desde logo a Antena 2 e o DN/JN), a divulgação do Ciclo pelos *media* confirmou o estado comatoso generalizado em que se encontram – designadamente na área da cultura, em geral, e do jazz, em particular – seja por parte dos órgãos generalistas, seja do lado dos chamados títulos de referência (imprensa, rádio e televisão), estes naturalmente com responsabilidades acrescidas.

Claramente inaceitável é o ensurdecido silêncio sobre o Ciclo por parte da única publicação afirmadamente dedicada ao jazz e à música improvisada – a revista *jazz.pt*, agora apenas disponível *online*.

Após a publicação, em 18 de Dezembro de 2013, de um artigo de apresentação geral do Ciclo, da autoria de António Branco (e que foi, aliás, o texto mais informativo e abrangente editado nos *media* a este propósito), seguiu-se o silenciamento absoluto. Não só nenhum elemento da equipa de críticos da *jazz.pt* marcou presença em qualquer sessão, como se chegou ao ponto de até os concertos que integraram as 8 sessões, já realizadas, serem excluídos da sua secção *Agenda*. A mesma *Agenda*, que inclui regularmente (como, aliás, é devido) a programação semanal do Hot Clube, tem aparecido devidamente expurgada de qualquer referência aos concertos “carta branca” e dos combos das Escolas relativos às sessões do Ciclo já realizadas no Hot.

#### **4. Feito o balanço por ora possível, duas palavras finais.**

Para sublinhar o empenho generalizado de todos os músicos participantes, muitos deles com deslocações longas e cansativas, e agradecer-lhes reconhecidamente as sinceras e espontâneas reacções de agrado e incentivo que manifestaram face à iniciativa e ao modo como o Ciclo tem decorrido.

E para um profundo agradecimento a todos os elementos das equipas executivas e de produção das entidades co-responsáveis pela concretização deste projecto (Hot Clube de Portugal, Centro Cultural Vila Flor, Antena 2 e Diário de Notícias/Jornal de Notícias), pela cumplicidade e forte espírito colectivo (cada vez mais raro nos tempos que correm...) com que quiseram e souberam envolver-se neste Ciclo, também ele uma ideia só possível de levar a cabo de forma colectiva e solidária. E cujo resultado final, para regozijo e recompensa de todos nós, ficará integralmente disponível para memória futura de todos os interessados nas histórias que têm feito a história do jazz em Portugal.

## CICLO HISTÓRIAS DE JAZZ EM PORTUGAL DEZ'14 > MAI'15

Constituído por 16 sessões, equitativamente distribuídas entre o Hot Clube de Portugal (Lisboa) e o Centro Cultural Vila Flor (Guimarães) com periodicidade mensal, o Ciclo teve início em Janeiro 2014 e termina em Maio 2015. Cada sessão, de carácter público, decorre em duas noites sucessivas e com um programa duplo, constituído por quatro módulos distintos (dois por noite).

### PREÇOS

ENTRADA LIVRE (1º DIA) / 5€ (2º DIA)  
Desconto 50% para Sócios do Hot Clube de Portugal e portadores do Cartão Quadrilátero Cultural  
Distribuição de Folha de Sala complementar em todas as sessões.  
Programa sujeito a alterações.  
Maiores de 12 anos.

## HOT CLUBE DE PORTUGAL

LISBOA

### 9/10 DEZ'14 SESSÃO 11

**9 / 21H30 Carlos Bica** Conversa com AC e MJV / Concerto Combo da Universidade Lusíada, Lisboa (repertório de Carlos Bica)

**10 / 21H30** Hugo Carvalhais e Rodrigo Amado conversam com AC e MJV / Concerto carta branca a Carlos Bica

### 3/4 FEV'15 SESSÃO 13

#### 3 / 21H30 Gonçalo Moreira

Conversa com AC e MJV / Concerto Combo da Escola JBJAZZ, Lisboa (repertório de Gonçalo Moreira)

**4 / 21H30** João Hasselberg, Nuno Ferreira e Pedro Guedes conversam com AC e MJV / Concerto carta branca a Gonçalo Moreira

### 7/8 ABR'15 SESSÃO 15

#### 7 / 21H30 André Sousa Machado

Conversa com AC e MJV / Concerto Combo da Escola de Jazz do Barreiro (repertório de André Sousa Machado)

**8 / 21H30** Luís Candeias, Mário Franco e Tomás Pimentel conversam com AC e MJV / Concerto carta branca a André Sousa Machado

### 5/6 MAI'15 SESSÃO 16

#### 5 / 21H30 Pedro Moreira

Conversa com AC e MJV / Concerto Combo da Escola de Jazz Luíz Villas-Boas, Lisboa (repertório de Pedro Moreira)

**6 / 21H30** Afonso Pais, António José de Barros Veloso e Ricardo Toscano conversam com AC e MJV / Concerto carta branca a Pedro Moreira

## CENTRO CULTURAL VILA FLOR

GUIMARÃES

### 4/5 NOV'14 SESSÃO 9

#### 4 / 21H30 André Fernandes

Conversa com AC e MJV / Concerto Combo da Academia Valentim de Carvalho, Porto (repertório de André Fernandes)

**5 / 21H30** André Santos, Jeffery Davis e Joel Silva conversam com AC e MJV / Concerto carta branca a André Fernandes

### 10/11 NOV'14 SESSÃO 10

#### 10 / 21H30 João Paulo Esteves da Silva

Conversa com AC e MJV / Concerto Combo do Conservatório de Música da Jobra, Albergaria-a-Velha (repertório de João Paulo Esteves da Silva)

**11 / 21H30** Bruno Pedroso, Júlio Resende e Paulo Curado conversam com AC e MJV / Concerto carta branca a João Paulo Esteves da Silva

### 7/8 JAN'15 SESSÃO 12

#### 7 / 21H30 José Pedro Coelho

Conversa com AC e MJV / Concerto Combo da Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo, ESMAE - Porto (repertório de José Pedro Coelho)

**8 / 21H30** Diogo Duque e João Pedro Brandão conversam com AC e MJV / Concerto carta branca a José Pedro Coelho

### 4/5 MAR'15 SESSÃO 14

#### 4 / 21H30 Nelson Cascais

Conversa com AC e MJV / Concerto Combo do Conservatório de Música do Porto (repertório de Nelson Cascais)

**5 / 21H30** Filipe Melo, Demian Cabaud e Gonçalo Marques conversam com AC e MJV / Concerto carta branca a Nelson Cascais

# ONDAS DE RÁDIO, “RITMOS EXCÊNTRI- COS” E GUITARRAS ELECTRIFICADAS:

## Aleixo Fernandes e as actividades iniciais do Hot Clube de Portugal

Miguel Lourenço  
Pedro Roxo  
Bernardo Moreira  
Inês Cunha  
Maio 2014

Há quase 70 anos, no dia 25 de Novembro de 1945, foi emitido na Emissora Nacional o primeiro programa “Hot Club”, da autoria de Luiz Villas-Boas, com actuação em directo do grupo Excêntricos do Ritmo acompanhado pelo violinista espanhol Jose Puertas Nessa ocasião, o agrupamento participou numa sessão de gravação, da qual resultaram dois discos instantâneos cujo conteúdo permaneceu inacessível durante décadas mas que foi recentemente digitalizado no Instituto de Etnomusicologia da FCSH-UNL, ao abrigo do projecto “Jazz em Portugal: Os legados de Luiz Villas-Boas e do Hot Clube de Portugal”. Foi com enorme agrado que recebemos a visita de Aleixo Fernandes, um dos elementos dos Excêntricos do Ritmo, para nos falar da actividade musical em Lisboa nesse período e da sua relação com Luiz Villas-Boas e o HCP. Aliás, a constituição dos Excêntricos do Ritmo, que integrava dois músicos portugueses, dois indo-portugueses e, frequentemente, outros músicos de Lisboa, como o espanhol Luís Sangareau, além de músicos de passagem, como Jose Puertas, constitui mais uma evidência das redes internacionais que Villas-Boas usou no início das actividades do HCP e que passaram também, por exemplo, por uma intensa troca de correspondência com outros promotores europeus e responsáveis por Hot Clubs em Espanha e em França. A entrevista começou num tom informal, entre fotografias, notícias de jornais da época e a observação da histórica guitarra eléctrica de Aleixo Fernandes...

O meu nome é Aleixo Socorro Gallus Fernandes. Nasci no território Tanganica [actualmente Tanzânia], em 1922. Quer o pai quer a mãe são de Goa, ambos católicos e tinham propriedades em África. Eu fui o último de 5 filhos. O meu pai tinha uma propriedade em Dar Es Salaam, eu e mais 3 irmãos nascemos lá, só um nasceu em Goa. Eu nasci em território Tanganica Inglesa e os meus irmãos em Tanganica Alemã. Depois da guerra, ainda muito novos, viemos para cá. Lá não havia educação, não havia nada e o meu pai resolveu vir para Lisboa, mais ou menos em 1927. O meu pai arranjou uma casa mais para os arredores de Lisboa, ainda havia hortas e tudo, num prédio na Av. Conde de Valbom nas Avenidas Novas. Naquele tempo os pais tinham as filhas que sabiam falar francês e tocar piano. Então o meu pai comprou um piano, um Grotrian-Steinweg na Valentim de Carvalho por dez contos. Ainda o temos. De maneira que a minha irmã tocava umas coisinhas simples. O meu irmão [Nereus Fernandes] tinha um bom ouvido e começou a tocar música já assim mais moderna, não de jazz, eram mais rumbas e música brasileira. Não tínhamos mais nenhum instrumento senão o piano. Eu tocava de ouvido e aos poucos (...) Lembro-me da minha mãe fazer o caril e arroz. E com o coco que partia, com uns chumbinhos dentro, umas achas de lenha e uns tambores que eu tinha, fazia-se música cubana. Assim começámos nós a música. Fiz o colégio Elias Garcia, depois fiz o Liceu Camões todo (aí também fizemos variedades). Depois na faculdade fizemos a Queimas das Fitas aqui em Lisboa. ALEIXO FERNANDES



Pedro Fernandes, Aleixo Fernandes, Inês Cunha e Bernardo Moreira

**MIGUEL LOURENÇO [ML] Lembra-se de ouvir Jazz na rádio, quais são as suas memórias?**

ALEIXO FERNANDES [AF] Havia só um programa de rádio que já não me lembro de quem era, na rádio Peninsular [início em 1933], se não me engano. Música era mais de ouvido, aquilo saía de nós! Coitada da minha mãe tinha um vaso de bronze lá na sala com um prato bom e fazia uma bateria. Enfim, depois veio a época do sapateado e começamos a gostar tanto de fazer a música que, um dia, apareceu lá o Villas-Boas...

**BERNARDO MOREIRA [BM] Mas isso já no princípio da década de 40!? O Villas-Boas veio da Madeira em 39...**

[AF] Sim, é possível! No fim do liceu começámos com a música mas não tínhamos instrumento nenhum. Em 1941 fui para o Técnico. Foi um bocadinho antes do Técnico quando apareceu a guitarra. O microfone que nós tínhamos era um passador de leite - estudantes do liceu com imaginação! Mas depois apareceu lá o Villas-Boas, não sei porquê. A minha porteira ia deitar fora ou vender uma colecção de discos *His Masters Voice*. O Villas-Boas quando viu aquilo disse - não se importa de me emprestar isso? Ficou ele sempre com os discos, e fez muito bem [risos]!

**PEDRO ROXO [PR] E o Villas-Boas começou depois a desafiar-los para tocarem jazz?**

[AF] Ainda não tinha começado. Mas antes do Villas-Boas havia a família do Nuno da Cunha Gonçalves. Era indiano também, gostava de nos ouvir tocar, ele e o irmão tinham sensibilidade musical (o Luís da Cunha Gonçalves), parece-me. O Nuno da Cunha Gonçalves morava em Campo de Ourique. Disse-nos a mim e ao meu irmão uma vez que nos fazia falta uma viola - e deu-nos um violão, que ainda tenho.

O Fernando (Freitas da Silva) comprou outro violão na Valentim de Carvalho e começámos então a fazer música mais a sério, já com dois violões.

**INÊS CUNHA [IC] Mas ninguém tinha formação musical!?**

[AF] Ninguém! Tudo de ouvido! Uma amiga nossa que cantava muito bem música brasileira, ia lá para nossa casa e começou a cantar connosco. Música brasileira era o nosso forte, já tínhamos os violões. Uma vez fomos convidados para o São Luís com ela. Estava lá o embaixador do Brasil entre outros e convidaram-nos para continuar a nossa música na casa dele. Lá fomos nós e às tantas surgiu um convite para ir ao Brasil! E nós ahhh coisa boa! Naquele tempo nem se pensava em sair. Mas depois era só para ela! Um balde de água fria! [risos]. E quem era? A Célebre Maria da Graça, que fez o filme *Pátio das Cantigas*. E quem fez o fundo musical foi o nosso grupo, na Tobis Portuguesa! A Maria da Graça lá foi para o Brasil, fez a sua vida e foi um sucesso.

**[ML] Já eram os Excêntricos do Ritmo?**

[AF] Ainda não tínhamos nome. Quem deu esse nome foi o Nuno da Cunha Gonçalves, que depois teve o convite da Emissora Nacional, para começarmos as primeiras Variedades. Depois fizemos um serão para a FNAT [*Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho*], uma das primeiras emissões no Teatro da Trindade. Fomos ao Barreiro uma vez, recebi de cachet 20 escudos - tanto dinheiro!

**[PR] E que tipo de repertório tocavam? De que conjuntos? E música indiana, de Goa, nunca tocaram?**

[AF] Não havia nada de especial, era o que ouvíamos na rádio - música brasileira, música cubana e depois começamos com música de jazz, com



Grupo que esteve na génese dos Excêntricos do Ritmo, em finais da década 1930: Francisco Próspero dos Santos (paus/claves), Nereus Fernandes (piano), Fernando Freitas da Silva (cocos/maracas), Aleixo Fernandes (tambores). Coleção pessoal de Aleixo Fernandes.

os violões. Música indiana ou goesa não. Eu já estava “aportuguesado” aqui em Lisboa. No meu tempo não haviam grupos de goeses, depois é que apareceu a Casa de Goa. Lembro-me do meu pai tocar Mandó ao piano, sempre a mesma música (...). Depois da Maria da Graça apareceu o Curado Ribeiro e vieram mais outros, que cantavam em Inglês — a irmã da Maria Paula, a Mariazinha, que cantava música de jazz muitíssimo bem. Por isso o Villas-Boas “aterrou-se” a nós. Ele ia lá casa e conversava muito connosco. Ele foi várias vezes à América mas aí já se começou a desligar. O Villas-Boas era o mais selecto, digamos. Vou fazer um parêntesis — casei-me no tempo em que não se podia comungar se não fazendo jejum a partir da meia-noite de véspera. Eu e a minha mulher encontrámo-nos só na igreja de São Sebastião da Pedreira. Depois da comunhão havia um silêncio e ... a música que eu ouvi, assim muito suave, muito bonita — *The More I See You* [Harry Warren & Mack Gordon] do Bing Crosby. Ninguém percebeu! As pessoas estavam todas concentradas, uma música tão religiosa [risos]! Quem tocava o órgão? O meu irmão, grande malandro! Isso para mim vale muito! E era o Freitas da Silva que estava a dar ao fole! Depois, como disse, fomos convidados pela Tobis para fazer os filmes com a Maria da Graça, mais dois com... como se chamava aquele que fez o Camões?

#### [BM] O António Vilar!

[AF] Foi com eles que fizemos esses dois filmes, fundos musicais sempre. Depois apareceu o Herculano de Carvalho, que fez também o filme *Ladrão precisa-se!* Nenhum de nós sabia música. Uma vez, com o maestro Tavares Belo, creio, estávamos a tocar ainda sem esta viola, e dizem-nos que temos de mudar de tom. Então vocês são capazes? Somos, fazemos a barra... Ficou tão admirado! Ele é que era um confuso! Eles pediam e nós tocávamos. Depois fui para a RARET [Radio Retransmission – emissor da Free Europe Radio; surgiu em 1951] e não havia ninguém que me acompanhasse, nenhum que tocasse piano, o ouvido deles não prestava e quebrei um bocadinho. Era em Salvaterra de Magos, onde estava o centro emissor, era o maior do mundo em onda curta. Entrei para a RARET e depois casei-me. O meu casamento foi à moda da Índia.

#### [BM] Os Excêntricos do Ritmo, com esse nome, apareceram em que ano, e quem eram os elementos do grupo?

[AF] Como lhes disse, foi pelo Nuno da Cunha Gonçalves. Ainda não estávamos no Técnico. Foi nos tempos do liceu, em 1941. Mas começámos nos anos 30. Os Excêntricos do Ritmo eram o meu irmão Nereus Fernandes no piano, eu e o Freitas da Silva, que já tocávamos viola, e o António Mendonça — que tocava contrabaixo e tinha um violoncelo em casa. O contrabaixo tocava com os dedos e o violoncelo com o arco. Jazz era com os dedos. Uma vez tivemos de fazer um serão e não tínhamos contrabaixo. Os únicos que tinham contrabaixo era no café Chave D'Ouro onde naquele tempo havia jazz. O António Mendonça foi muito nervoso pedir ao Tristão, que tocava contrabaixo, para nos emprestar o instrumento, a nós, jovens. Chegou-se ao pé dele e disse — *O senhor é que é o contrabandista? Ah desculpe, contrabaixista?* [risos] Nunca mais me esqueci! Portanto éramos duas guitarras, contrabaixo e piano, com o meu irmão Nereus Fernandes. Piano era a base.

#### [ML] Então quando se juntou o Luís Sangareau [baterista]?

[AF] Nós fazíamos sessões à noite, *jam sessions*, desde as nove até às duas da noite na casa do Sangareau. No princípio era na nossa casa, depois foi o Sangareau que começou. Ele sabia que nós tocávamos jazz e íamos ali à sua casa ao pé da embaixada. O Villas-Boas começou a frequentar a casa dos Sangareau já depois de mim.

#### [ML] Lembra-se de como o Villas-Boas organizou a sessão na Emissora Nacional e no Instituto Superior Técnico? O 1.º programa do Hot Clube no rádio?

[AF] Como organizou não sei. Chamaram-nos e pronto! Ele estava com um nível mais alto que o nosso.

#### [PR] Mas então tocou em sessões que o Villas-Boas organizou porque vocês já estavam a tocar no Rádio Clube Português?

[AF] Sim, tocámos lá antes e continuámos a fazer muitas sessões do Rádio Clube. Não sei se há em arquivos [por exemplo, existe uma

**Os Excêntricos do Ritmo eram o meu irmão Nereus Fernandes no piano, eu e o Freitas da Silva, que já tocávamos viola, e o António Mendonça — que tocava contrabaixo e tinha um violoncelo em casa. O contrabaixo tocava com os dedos e o violoncelo com o arco. Jazz era com os dedos. Uma vez tivemos de fazer um serão e não tínhamos contrabaixo. Os únicos que tinham contrabaixo era no café Chave D'Ouro onde naquele tempo havia jazz.**

fotografia dos Excêntricos do Ritmo no Rádio Clube Português, com data de 30 de Novembro de 1944, onde Fernando Freitas da Silva toca uma guitarra ao colo].

**[ML] E como conheceram o Jose Puertas? A gravação dos excêntricos do Ritmo com o Jose Puertas que temos é da Emissora Nacional!**

[AF] Mas antes do Puertas apareceu outro, muitíssimo bom — Charles Mangin [?]. Tocava clarinete, vivia em Inglaterra e estava cá de passagem. Era tipo Woody Herman. Havia um outro que tocava harmónica bocal, imitava o Larry Adler naquela época, que também foi um sucesso. Tocou connosco durante algum tempo, era um português cujo nome não me recordo.

**[PR] Então vocês tocaram guitarra eléctrica quando não havia ainda em Portugal?**

[AF] Sim. Em relação à guitarra [eléctrica] nós começamos a ouvir nos discos um som muito estranho — epá, que raio de guitarra é esta? E vimos no cinema São Luís, nas notícias ou curtas-metragens que davam antes dos filmes, uma espécie de mesa com cordas tocada por um tal de Alvin Rey. O meu colega Freitas da Silva disse — *Que coisa bonita este som! É eléctrico, não pode ser de outra maneira!* Fomos buscar a cabeça do gira-discos, aquela pesada — não trouxe a outra viola que eu tenho, está lá! Adaptámos aquilo e realmente amplificava o som! Mas tinha um inconveniente — tinha as harmónicas. Em certas notas ficava buuuuu! Também usámos um microfone de carvão, que as rádios amadoras tinham, e amplificámos. Deu mas também tinha harmónicas noutra sítio. Até que um dia vimos no cinema aquela tal mesa e nós resolvemos fazer. O Freitas da Silva não tinha ouvido nenhum — então não é que ele passou a tocar muito bem e educou o ouvido!

**[ML] Mas estavam a fazer esse trabalho em conjunto ou foi mais o Fernando Freitas da Silva que andou a explorar?**

Ele é que tem o mérito. Ele é que foi o carola disso. Resolvemos fazer essas experiências todas e ele conseguiu a afinação. A outra guitarra foi a primeira com os microfones, mas não dava bem. Começamos

as experiências com microfones aplicados directamente na caixa do violão. Primeiro o microfone de carvão, muito permissivo, depois um *pick-up* de gira-discos sem agulha. A viola que tenho ainda tem os furos. Mas depois foi a guitarra havaiana. Começou a estudar bem e descobriu a afinação.

**[PR] E esta guitarra que trouxe foi das primeiras electrificadas?**

[AF] Esta guitarra é de 1941 [foto da página 9]. Depois de ver a tal mesa e de várias experiências o meu colega Freitas da Silva pediu ao mestre da oficina de carpintaria do Técnico (antigamente havia lá serralharia e carpintaria) para fazer uma guitarra. Não tinha caixa de som porque não era preciso. Os da Emissora Nacional não sabiam o que isto era e nós queríamos os altifalantes para saber o que estávamos a tocar. Nesta guitarra foi utilizada uma bobine, feita por um primo do Freitas da Silva, e já teve de origem um *jack*. Para tocar tem que se esfregar as cordas de metal com um íman para as magnetizar e sair o som.

**[ML] E qual era o amplificador com que tocavam na altura?**

[AF] Era uma telefonia! Ainda ontem experimentei só que não tinha ficha. Quero ver se arranjo um amplificador. Agora, depende do amplificador! A ficha desta guitarra já foi modificada, o resto é tudo igual. Nós tínhamos a nossa telefonia e era lá que ligávamos.

**[BM] Estou fascinado com esta história! Isto é interessantíssimo! É que, praticamente 10 anos depois, decalcámos esta história. Éramos um grupo de Coimbra que também não sabia de música, tocávamos todos de ouvido e, quando arranjámos uma guitarra “electrificável” ligámos à telefonia.**

**[ML] O braço foi aproveitado de outra guitarra ou foi feito?**

[AF] Isso foi tudo feito lá nas oficinas do Técnico. É tudo de madeira sucupira. Os encastres de lado são de marfim. É pesada. Ainda dá para tocar. A guitarra do Fernando era parecida mas a escala vinha até meio do corpo. Devia ser porque a tocava mais na horizontal.

**[ML] Mas lembra-se da gravação que foi feita para o “Hot Club”, desse encontro com o Jose Puertas? Tiveram ensaios?**

[AF] Já não me lembro. Ele continuava a aparecer lá em casa da minha mãe, a fazermos música — era a coisa mais natural! Lembro-me muitíssimo bem dele, não é, o bem que ele tocava violino. Tocámos pouco tempo, veio cá ter connosco e achou que era um sítio bom, quente para o jazz.

**[IC] E depois nunca mais voltou a tocar, pelo menos com regularidade...**

Acabei o curso com dois anos a mais, dedicava-me à música...mas a vida profissional encheu-me. Deixei de tocar porque fui para a RARET, mas se tivesse ambiente continuava a tocar. Não havia ninguém! O meu irmão foi para outros lados também. Quis no outro dia desenferrujar os dedos com o violão que o Nuno Gonçalves me deu, com o braço estreitinho, que nós tocávamos à nossa maneira.

**[PR] Foi por intermédio do Villas-Boas que conheceram o Puertas?**

[AF] Não sei. Como disse, o outro da harmónica bocal e o Charles Mangin (?), alguém indicou. A irmã da Maria Paula também. Havia outra que também cantava, mas casou-se e afastou-se logo (...)

**[PR] E quando é que começaram a improvisar?**

[AF] Sempre! Nenhum de nós sabia música!

**[PR] Sabe que na gravação que nós temos do Jose Puertas com os Excêntricos do Ritmo há partes de improviso — o seu irmão Nereus Fernandes ao piano improvisa, não sei se é o senhor se é o Fernando Freitas da Silva que improvisa também à guitarra...**

[AF] Aquilo saía cá de dentro. Quando falaram ao Erroll Garner [pianista] porque é que não aprendia música ele disse que não, que gostava é de tocar. E era isso que nós fazíamos.

[ao ouvir a gravação dos temas Lady be Good e o Memories of You dos Excêntricos do Ritmo com Jose Puertas na Emissora Nacional]

[AF] Eu se soubesse chorar, não sei, já tinha chorado aqui [risos]! Não sabia que tocávamos tão bem [risos]! Nada, nada, não me lembro nada! Esse sou eu [ao ouvir a introdução ao tema Memories of You]. Já fazíamos esses acordos! Eu dou graças a Deus porque me estão a dar esta alegria tão grande! Eu não esperava, absolutamente nada! Julgava que não havia disco nenhum! A gravação tem violão no início [Memories of You], que eu tocava, mas mais o ritmo. Solos eu pouco fazia. O Fernando tocava mais a guitarra havaiana, horizontal, e viola ou violão também. Mas dessas gravações pouco sei. Esta guitarra que trouxe não tocou, era a minha.

**[ML] Então entre 1945 e 1951 ainda tocou aqui em Lisboa? O Villas-Boas manteve contacto com vocês?**

[AF] Já não me lembro, confesso. O Fernando Freitas da Silva é que teve mais em contacto com o Villas-Boas e com os Mayer. Eu e o Fernando ainda tocámos, continuámos a fazer música em casa de um e de outro e mais nada. Mas depois do meu irmão morrer num acidente de viação nos anos 60 é que isso acabou... o Villas-Boas foi sempre nosso amigo.

**[PR] Mas a música jazz era aceite, podia-se ouvir à vontade?**

[AF] Ah podia-se ouvir! Não havia nada, não havia tabu. Era pouco divulgada, pouca gente fazia.

**[PR] E o que lhe dizia o Villas-Boas relativamente ao Hot Clube naquele período?**

Não dizia, fazia! Desafiava! Vinha da América entusiasmado, ainda nos telefonava...

**[ML] E a RARET, que disse que era americana, qual era a sua área de actividade, a sua finalidade?**

[AF] As actividades eram muito simples – eles recebiam os testemunhos dos refugiados dos países da Cortina de Ferro, tinham um tradutor que punha aquilo “bonito” e mandava para Lisboa, depois de ter sido enviado para o centro de recepção da Maxoqueira (nos tempos antigos)... Eles verificavam tudo o que os refugiados diziam. Começaram com 4 emissores de 50 kW. Os americanos ficaram muito admirados quando nós montámos o emissor num mês — o mesmo no Pacífico tinham levado 3 meses. Já sabem como são os portugueses quando tiram o casaco! Nós varriámos o chão, fazíamos tudo! Acharam que foi muito barato e rápido. Deram dinheiro para mais 4 emissoras de 50 kW – ficámos com 8 emissoras. Depois, como estava a ter sucesso, compraram mais 4 emissoras de 100 kW (A Emissora Nacional tinha só um de 100 kW em Pegões), depois mais 4 de 250 kW, que era a instalação quando eu saí de lá e não fizeram mais. A finalidade era entrevistar os refugiados que saíam da Cortina de Ferro, em Munique, onde estavam americanos, mandar para cá, misturar — até com música da Amália Rodrigues – e retransmitir para lá. Isto porque eles não podiam interferir pois a potência dos nossos transmissores era brutalmente grande. O dinheiro era todo Americano para a Radio Free Europe. E havia a Radio Liberty.

**[IC] Vieram para cá porque não havia maneira de fazer a transmissão em Munique?**

[AF] Não só. É que os nossos emissores reflectiam na ionosfera, até algumas vezes dois saltos. E sem transmissão directa para o ouvinte os outros têm dificuldade de interferir, e como eram emissores de grande potência não é... fizemos programas para a Polónia, Checoslováquia, Roménia, Bulgária e depois começaram aqueles países todos que os Russos iam anexando. Nós não sabíamos nada, quando fui para a RARET não sabia nada, só sabíamos que era uma estação americana, nem ligávamos! Uma vez ou outra ouvimos a Amália Rodrigues. Nós eramos engenheiros e íamos fazer um trabalho, gostávamos da profissão. Interessava-me a parte técnica, as torres todas que montámos...

**[PR] E lembra-se de eles emitirem jazz? E música Portuguesa?**

[AF] Jazz não. Algumas vezes música Portuguesa. Tudo na língua dos

**Tocávamos mais em casa uns dos outros, lá em casa e na casa dos Sangareaus. No Técnico fizemos algumas sessões e apareciam alunos — tenho uma fotografia de nós a tocarmos música brasileira. (...)**

países para onde era retransmitido (...). A sede da RARET era no Areeiro e a transmissão era na Glória do Ribatejo. Trabalhei lá até à reforma em 1987. A RARET em Portugal acabou em 2000 mas ainda têm um centro emissor na Alemanha, mas hoje em dia é tudo automatizado.

**[IC] E já foi a Goa? Tem lá família?**

[AF] Nunca fui lá. Ainda lá está família. Os meus irmãos chegaram a ir a Goa, eu é que não. Uma vez eu tinha já tudo assinado com o Eng. Bívar da Emissora Nacional, tudo gravado, escrito, com o contrato para ir lá ver o centro emissor de Goa. Estava tão contente, ia realizar o sonho da minha vida, visitar a casa dos meus pais... Então não é que foi a invasão da União Indiana [1961]? Já não fui, pronto! Viajei várias vezes em trabalho para a Alemanha e E.U.A, e com o Eng. Bívar para África — Luanda, Guiné-Bissau e Cabo-Verde. Com os meus colegas alemães cheguei a tocar viola nos churrascos que fazíamos. Em Cabo-Verde lembro-me de haver os bailes “picapadas” com música dos pick-ups (gira-discos).

**[ML] E o público, quem aparecia para ouvir as vossas sessões?**

[AF] Tocávamos mais em casa uns dos outros, lá em casa e na casa dos Sangareaus. No Técnico fizemos algumas sessões e apareciam alunos - tenho uma fotografia de nós a tocarmos música brasileira. O António Mendonça, que era professor lá do Técnico, ia muitas vezes fazer música lá pra casa também. Não havia gente a dançar mas havia entusiasmo.

**[BM] No princípio dos anos 50 haviam duas irmãs que cantavam muitíssimo bem a vozes, tipo Sisters, eram duas irmãs e uma amiga — as irmãs Fernandes também, mas que eram de Macau. Eram irmãs do Nuno Sena Fernandes. Nunca mais soube delas. Uma era a Ruby. No grupo de estudantes de Coimbra onde fui tocar contrabaixo, fui substituir o Sena Fernandes que se formou em engenharia naquele ano e foi para Macau.**

[AF] Ah conheço, foi muito amigo meu! Estou a recordar-me, eles tinham queda para a música. Lembro-me que ia para casa com o Sena Fernandes, deitar-me e dizia ao Bernardino (ele era Bernardino Sena Fernandes) — está aí a minha viola se queres vir cá tocar? Ele tocava, eu adormecia e depois punha a viola no canto e ia-se embora [risos].

**[IC] Era uma santa mãe. As pessoas entravam e saíam e ela não se zangava!**

[AF] Ela era indiana não há problemas... foi uma era. Eu e mais dois irmãos tínhamos um quarto. Era rara a noite que a minha cama não tinha escovas, pregos, ou a cama a espanhola... mas isso é bom, tive uma formação para a vida [risos] e a coitada da minha mãe — quando íamos ao cinema entrávamos com muito cuidadinho para não a acordar. O meu irmão o que é que fazia: punha em cima da porta uma pilha de latas de graxa e bruuuumm caía aquilo [risos].

# PORQUÊ ESTUDAR EM TEM- POS LEN- TOS

## Relação entre Som, Tempo e Articulação

João Hasselberg

**Todos já ouviram um professor ou um colega dizer** que “mais vale estudar lento do que rápido”. Quantos de nós ignoramos esse conselho por não estarmos cientes da razão para o fazer, por não conhecermos o processo de aprendizagem e os frutos que daí advêm?

Na aprendizagem de uma arte marcial, o treino em “slow motion” é essencial para que a nossa mente tenha tempo para “digerir” toda a informação que está a receber e a resposta a enviar. Seja essa informação a eficácia e a coordenação de movimentos, seja a distância percorrida por um membro do corpo ou a localização do mesmo em relação aos outros. Quanto mais tempo existir entre as partes constituintes de um processo, maior capacidade temos em analisar e compreender o que se está a passar dentro desse processo.

Na música acontece o mesmo. Se estudarmos uma escala num tempo rápido (ex: colcheia em 100bpm), a duração das notas e o espaço entre as mesmas é muitíssimo mais pequeno do que se estudarmos num tempo lento (ex: colcheia a 30bpm). O que acontece é que a percepção do detalhe é maior se estudarmos “lento”. Para além de haver mais tempo para se ouvir realmente o que está a acontecer e poder reagir a isso, há também uma vertente de concentração/meditação envolvida no processo de conseguirmos sentir a passagem do tempo, num estudo tão lento. Estas são todas as ferramentas que nos vão permitir tocar mais rápido, com o som, tempo e articulação desejada.

Estudar “lento” leva-nos a ter uma inteira percepção do som, do tempo e, da relação entre eles. Quanto melhor o som (e

**Na aprendizagem de uma arte marcial, o treino em “slow motion” é essencial para que a nossa mente tenha tempo para “digerir” toda a informação que está a receber e a resposta a enviar. Seja essa informação a eficácia e a coordenação de movimentos, seja a distância percorrida por um membro do corpo ou a localização do mesmo em relação aos outros.**

com a palavra “melhor” entenda-se a reprodução de som mais próxima daquela que idealizamos na nossa cabeça) que tiramos do nosso instrumento, mais “confortáveis” vamos estar a ouvir o que tocamos e isso leva-nos a estar mais seguros no tempo, a não termos medo de deixar uma nota soar o tempo que tem que soar coerentemente com a subdivisão, sejam tempos lentos ou tempos rápidos. Para dominar este tempo há que perceber que o ataque da nota, o *sustain* e o final da mesma, têm igual importância e os 3 têm que respeitar o tempo em que estão a ser tocados. Um erro comum é não dar importância ao sítio onde se acaba a nota e, geralmente, faz com que a linha soe inconsistente. Para evitar que isso aconteça, o final da nota tem que respeitar o tempo/subdivisão do que quer que seja que estejamos a tocar. Um bom exemplo são as linhas de baixo do James Jamerson (Stevie Wonder, etc) ou do Paul Chambers num determinado período da sua carreira.

Outro dos elementos que é mais fácil de trabalhar a estudar devagar é a articulação (importância que cada nota tem numa frase em termos dinâmicos, acentuação ou duração).

Não vou explicar a importância da articulação na música, mas deixo claro que sem ela, a música soava como se fosse um Robô a tocá-la.

Resumindo, quanto mais “lento” se estudar, mais espaço há entre as notas, mais facilmente nos apercebemos dos problemas de som, articulação e tempo, mais tempo temos para responder a esses problemas e mais forte se torna o nosso sentido de subdivisão.

Agora já não ha desculpas.

# IASJ INTERNATIONAL ASSOCIATION OF SCHOOLS OF JAZZ

**Cape Town, África do Sul  
22-27 Junho 2014**

Joana Espadinha  
Liliana Fartaria

**Foi-me pedido que vos contasse um pouco da minha** experiência enquanto professora representante do Hot Clube no último encontro do IASJ, que se realizou na Cidade do Cabo, na África do Sul, no final do mês de Junho.

Para quem não sabe, a IASJ é uma Associação Internacional de Escolas de Jazz da qual o Hot Clube é membro fundador. Todos os anos, professores e alunos de vários países encontram-se num local diferente, para partilhar experiência, conhecimento e a paixão que têm pelo Jazz.

Celebrei o meu aniversário no avião, na companhia da Liliana Fartaria, a aluna escolhida para nos representar este ano. Não poderia ter tido melhor presente: a possibilidade de participar no encontro e de conhecer um país tão apaixonante, em tão boa companhia.

À chegada, somos logo atingidos pela beleza do continente africano, que conheci pela primeira vez. Tudo é enorme, a uma escala diferente. Avistamos logo a Table mountain, uma montanha plana no topo que é património Universal da Unesco. As palavras não fazem jus à paisagem, é a única coisa que posso dizer. Mais tarde, tivemos a possibilidade de visitar o Cabo da Boa Esperança, tão importante para nós, Portugueses. O *meeting* arranca com a audição dos alunos, que participando em grupos ao acaso, em jeito de *jam*, enfrentam uma plateia de colegas e professores. Desta forma, os grupos definitivos viriam a ser formados

**Que bofetada levamos todos, ao conhecer uma realidade tão diferente da nossa. Impressionou-me a coragem e a resiliência destes músicos, que não tiveram as nossas facilidades. Fiquei a pensar que tantas vezes não dou valor ao facto de poder fazer a música que gosto e continuar a aprender.**

e, cada um, se dava a conhecer. Lembro-me de não invejar estar nos seus lugares, estaria nervosíssima, mas tanto a Liliana como a Catarina Ortins (que representou a Universidade Lusíada), estiveram à altura. Conheço também pela primeira vez o David Liebman, um músico excepcional, um grande pedagogo e um líder nato. Com uma autoridade inquestionável, falou-nos da música, do percurso de cada um, da profissão, de ética, e de coisas tão simples como saber participar numa *jam*. Ouvi-lo falar foi verdadeiramente inspirador! Confesso que à primeira vista, a cidade me deixou muito intrigada. Restos de um passado colonial, e ainda muitas marcas da segregação racial. A riqueza lado a lado com a miséria. O clima é inseguro, e as vedações por todo o lado impõem respeito. Quase como se fosse um país europeu construído no sítio errado.

Todos os dias fomos presenteados com uma amostra da música local.



No primeiro dia, conhecemos o Dizu Plaatjies e a sua família, tocando todo o tipo de instrumentos africanos, desde a marimba até a um cano que ele utilizava como um instrumento de sopro. Foi impressionante como a simplicidade e a naturalidade da sua música nos tocou. Senti que aquela música era algo que nos dizia respeito a todos, tão profunda e orgânica como o continente africano, onde estão certamente as nossas raízes. Depois de os ouvir, todos nos esquecemos das inseguranças próprias de ser músico, do ego, de quem seria o melhor, do que pensariam de nós. Afinal, é só música. O próprio David Liebman disse no final “E agora? O que podemos tocar depois disto?”

Acho que esse momento foi determinante para que o encontro fosse tão especial. Passamos a concentrar-nos no essencial. O nível dos alunos é cada vez mais elevado, multiplicam-se as escolas, mas como sabemos, a sobrevivência do Jazz enfrenta dificuldades, e foi incrível ver a dedicação dos professores à passagem de testemunho. Aprendi muito nos debates, descobri que partilhamos as mesmas inquietações, quer em relação à música que fazemos, quer quanto às especificidades do ensino da música.

Durante a semana os alunos evoluíram juntos, e no final, pudemos ouvi-los no concerto final. A Liliana escreveu uma letra para uma canção que o seu grupo apresentou, em que falava da experiência

que viveu no encontro, e foi um momento muito bonito. Para mim, o momento mais marcante foi o concerto do *Ghoema Ensemble*. *Ghoema* é um estilo de música típico do local, que mistura vários estilos, vindos de vários continentes. Uma Orquestra de músicos muito novos, lembrando um pouco as *Marching Bands* de New Orleans, mas também o exotismo do Caribe, tocou para nós, músicos de Jazz, com um sorriso de orelha a orelha. Alguns de nós sorriram também, condescendentes. De seguida, um dos professores contou a sua história. Todos os anos, muitos grupos como este participam num concurso, desfilando e tocando pelas ruas. As mães e as avós cosem os fatos, e os miúdos dão o seu melhor. Isto acontece no dia 2 de Janeiro, que é a data do Carnaval e da festa mais importante da cidade. Esta alegria esconde um lado muito negro. O dia 2 de Janeiro é o dia depois do Ano Novo. E por isso também o dia em que os senhores, cansados da festa, davam o dia livre aos escravos. Era o único dia do ano em que os escravos podiam ser gente.

Falou-nos também do *Apartheid*, de que tanto ouvimos falar. De coisas tão incríveis como precisar de um passe para poder entrar na cidade, o “dom pass”. “Dom” quer dizer estúpido. Ouvi a história de um professor com ascendência indiana, cuja família já estava no país há sete gerações quando foi obrigada a mudar-se para um bairro indiano. E como a música foi usada como protesto, resistência, pondo em risco a própria sobrevivência de quem a defendia. Muitos músicos foram forçados ao exílio, músicos que marcaram a história do Jazz.



Alguns dos membros do *Ghoema Ensemble* estudam Jazz na Universidade, apoiados por uma bolsa. Continuam a tradição para que saibamos que não têm vergonha de ser quem são. Que bofetada levamos todos, ao conhecer uma realidade tão diferente da nossa. Impressionou-me a coragem e a resiliência destes músicos, que não tiveram as nossas facilidades. Fiquei a pensar que tantas vezes não dou valor ao facto de poder fazer a música que gosto e continuar a aprender.

O encontro terminou e despedimo-nos, mais próximos uns dos outros, depois de uma experiência como esta. Levo a lição de tratar a música com mais respeito, e com mais alegria. Sem me deixar distrair do que realmente importa.

Obrigada ao Hot Clube por esta oportunidade!

O próximo encontro será em Lisboa, e o Hot Clube será anfitrião, juntamente com a Universidade Lusíada.

Mal posso esperar!

**Joana Espadinha**

**Tive a oportunidade de ter aulas individuais com vários professores, conhecer diferentes abordagens musicais e, curiosamente, constatei que os músicos de jazz têm as mesmas inquietações quer sejam de Nova Iorque, da Cidade do Cabo ou de Lisboa.**

#### **O IASJ decorreu pela primeira vez num país**

do continente africano, África do Sul, um país que revela ainda problemáticas sociais mas com uma grande vontade de mudança. Esse ambiente exprime-se inevitavelmente na sua música tornando este encontro ainda mais especial e humano. Desde as músicas que se ouviam na rádio sobre Mandela à *masterclass* do Dizu Plaatjies sobre os instrumentos africanos e o seu empenho em divulgá-los pelo mundo (contrariando tempos em que os instrumentos eram queimados como símbolo de controlo político) ou a música tocada na parada no primeiro dia de cada ano que ainda hoje se faz (o único dia em que era permitido aos negros tocarem música).

Todos os dias eram intensos e pouco se dormia para não perdermos cada *jam session*, cada concerto, cada aula e cada ensaio.

Tive a oportunidade de ter aulas individuais com vários professores,



conhecer diferentes abordagens musicais e, curiosamente, constatei que os músicos de jazz têm as mesmas inquietações quer sejam de Nova Iorque, da Cidade do Cabo ou de Lisboa.

O culminar do encontro, para o qual trabalhámos afincadamente, foi o concerto final. Foi o combo mais internacional em que estive presente, com excelentes músicos provenientes de países de quatro continentes: Itália, Grécia, Dinamarca, África do Sul, EUA e Israel. Preparámos temas originais de alguns elementos e, das várias influências, nasceu um outro tema logo no nosso primeiro ensaio.

Tive ainda um desafio pessoal, escrever uma letra para um coral de Haydn em menos de uma semana, que apesar dos meus receios tornou-se uma realidade. A dinâmica, o companheirismo entre todos foram fantásticos e o concerto foi um dos momentos mais felizes que vivi, cheia de orgulho de poder representar a minha escola, o Hot Clube, e mesmo o meu país.

No final trouxemos a bandeira do IASJ para casa, e para o ano cá receberemos humildemente com a hospitalidade que nos distingue todos os participantes: IASJ 2015 é em Lisboa!

**Liliana Fartaria**

# NOVIDADES AQUI DA ESCOLA E OS 25 ANOS DO IASJ

Bruno Santos

## Antes de irmos para férias estávamos muito

preocupados com as escassas inscrições de novos alunos. Mas em poucos dias tudo normalizou e, contra todas as expectativas, em função dos tempos que vivemos, temos pelo 4.º ou 5.º ano consecutivos acima de 200 alunos, mais precisamente, 256. Continuamos a luta por manter a escola de cara lavada e em boas condições e, com maior ou menor dificuldade, temos conseguido melhorá-la de ano para ano.

O projecto **concerto por instrumento** vai no 5.º ano e é uma certeza absoluta de algo que beneficia toda a gente. Os alunos adquirem experiência com apresentações fora da escola e contribuem para que a escola vá garantindo melhores condições para todos os que a frequentam, usufruindo das contrapartidas destes concertos: obras nas salas, novos instrumentos, reparação de instrumentos danificados, etc.

A grande novidade deste ano lectivo é a proximidade do **meeting da IASJ**, em Junho de 2015, o que reforça a internacionalização da escola, comprovada com mais um aluno (André Reis – guitarra) que, ao abrigo do protocolo com a Newpark Music Centre (Dublin), seguiu directamente para a licenciatura naquela escola. No final do ano lectivo 2013/14 tivemos a 1.ª aluna licenciada ao abrigo deste acordo, a nossa ex-aluna de voz, Filipa Quintino.

Apresentámos já 2 **masterclasses** com nomes fortes da cena do jazz internacional: o trompetista Chris Kase e o saxofonista David Liebman, que gravou e tocou com Miles Davis e é, actualmente, o director artístico da IASJ.

Temos professores novos, alunos novos, *jam sessions* de alunos, concertos por instrumento, ensaios e sessões regulares de grupos de alunos que se vão formando aqui na escola. Há muita actividade e dinâmica. Tudo aponta para mais um ano de sucesso!

No ano em que se comemoram os 25 anos de *meetings* da IASJ (International Associations of Schools of Jazz), cabe ao Hot Clube (um dos membros fundadores) e à Universidade Lusíada, receber o encontro de 2015. Nestes *meetings* anuais reúnem-se alunos, professores e representantes de dezenas de escolas de todo o mundo. Tive o privilégio de representar o HCP como aluno em 1998 e, em 2010 (São Paulo) e 2012 (Graz), como representante da escola. É uma semana empolgante, onde acontece muita coisa mas o que fica de mais importante são os contactos estabelecidos e a intensidade de uma semana em que se respira música o tempo todo. A responsabilidade de organizar uma coisa desta envergadura é gigante, mas a vontade de receber um encontro destes fez-nos aceitar o desafio da direcção da IASJ em 5 minutos. Agora é trabalhar no duro para fazer deste *meeting* uma semana inesquecível!

# ATINA JAZZ CAMPUS

## Atina Jazz Festival, Itália 20-29 Julho 2014

Sara Vicente



## O cinema levou-me nas primeiras viagens a Itália.

Deu-me imagens de lugares sem nome, mas perfeitamente reconhecíveis. Vilas sempre pequenas, com gente nas ruas, flores à janela, dias de feira, casais nos recantos e montanhas verdes como vizinhos. Acho que encontrei agora um nome para esse lugar.

Atina (para mim cenário de filme) é um daqueles sítios que demora poucas horas a conhecer, mas com pormenores que não nos cansamos de descobrir. Durante alguns dias de verão vive inteiramente dedicada à música e recebe estudantes de vários pontos do mundo. Sorte minha. Durante essa altura, acrescenta ao seu perfil cinematográfico um palco de concertos na praça central e uma residência onde os dias são ocupados entre aulas, ensaios e *masterclasses* de jazz. A aprendizagem musical torna-se um dos focos essenciais e as oportunidades para tocar são constantes, com *jam sessions* de alunos a encerrar as noites do festival e concertos em localidades próximas.

No entanto, quando tentava encontrar palavras para descrever os meus dias em Atina, voltei a perder-me em imagens, desta vez nas fotografias das pessoas que ali conheci. A partilha entre os jovens italianos que (tão calorosamente) nos acolheram, os professores e os alunos estrangeiros estendia-se pela música improvisada pela casa, as conversas ao jantar ou os brindes madrugada adentro. Hoje sei um pouco mais sobre música, um pouco mais sobre jazz, mas sei também contar até cinco em finlandês, sei a que sabe o *limoncello* e sei que a minha maior sorte foi ter partilhado estes momentos com todas estas pessoas. Momentos cheios de música... e com paisagens dignas de filme como pano de fundo.

# CONFERÊNCIA

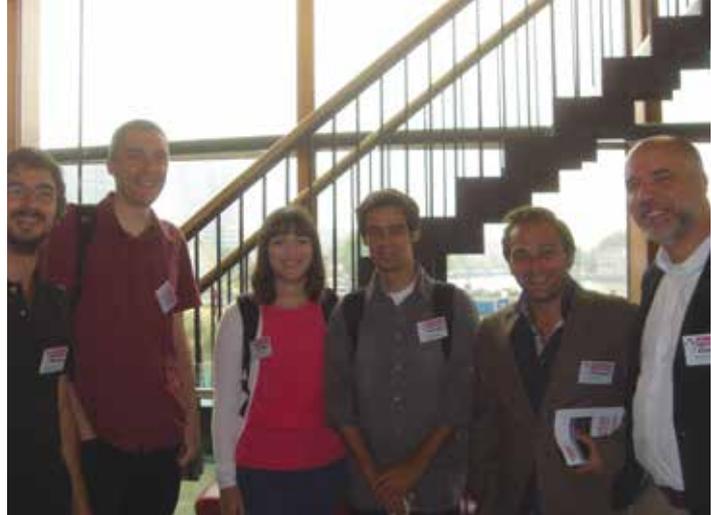
# JAZZ BEYOND BORDERS

## Amsterdão, 4-7 Setembro 2014

Pedro Roxo  
Miguel Lourenço

**O tema proposto incidiu na discussão acerca das fronteiras — reais e imaginárias — que moldaram e continuam a moldar os debates sobre jazz.**

*The theme of the conference seek to critically explore how borders – real and imagined – have shaped, and continue to shape, debates about jazz.*



“Comitiva Portuguesa” presente no Rhythm Changes 2014  
©Walter van de Leur



**Realizou-se em Setembro passado a 3.ª** conferência *Rhythm Changes*, desta feita na cidade de Amesterdão, na Holanda. O tema proposto incidiu na discussão acerca das fronteiras — reais e imaginárias — que moldaram e continuam a moldar os debates sobre jazz. Esta conferência reuniu investigadores da área dos *Jazz Studies* oriundos de

várias partes do mundo (sobretudo da Europa e dos Estados-Unidos) e teve como principais oradores, Steven Feld, John Gennari e Scott DeVeaux, três das principais referências dos estudos de jazz. O Hot Clube de Portugal esteve representado por via de investigadores ligados ao projecto “Jazz em Portugal: Os Legados de Luiz Villas-Boas e do Hot Clube de Portugal”, que resulta de uma parceria entre o HCP e o Instituto de Etnomusicologia da Universidade Nova de Lisboa. Deste modo, Pedro Roxo e Miguel Lourenço apresentaram uma comunicação subordinada ao tema “Crossing Mind and Geographic Borders but Fixing Jazz Music Boundaries: The Foundation of Hot Clube de Portugal in the late 1940s”, ao passo que Pedro Mendes apresentou uma comunicação que resulta da investigação em torno da Escola de Jazz do HCP (Escola Luiz Villas-Boas), intitulada “Our main struggle was to create conditions to be Professional jazz musicians’: The beginning of the Hot Clube de Portugal’s School of Jazz and the idea of becoming a ‘Professional jazz musician’”. De Portugal participaram também Pedro Cravinho (Universidade de Aveiro), com uma comunicação sobre o Free Jazz em Portugal nos últimos anos do Estado Novo, e José Dias (Universidade Nova de Lisboa) com uma comunicação sobre o Jazz nas narrativas europeias sobre identidade, unidade e diversidade. Na edição deste ano foram apresentadas 94 comunicações, o que representa um aumento relativamente a anos anteriores e deixa boas perspectivas para a próxima edição a acontecer em Birmingham em 2016, onde o HCP espera estar novamente representado.

**The third Rhythm Changes conference took place in** the city of Amsterdam, Netherlands last September. The theme of the conference seek to critically explore how borders – real and imagined – have shaped, and continue to shape, debates about jazz. This conference brought together researchers in the field of Jazz Studies from several parts of the world (especially Europe and the United States) and had as main speakers Steven Feld, John Gennari and Scott DeVeaux, three world references of jazz studies. The HCP was represented by researchers connected to the project “Jazz in Portugal: The Legacies of Luiz Villas-Boas and the Hot Club of Portugal”, which is a partnership between the HCP and the Portuguese Institute of Ethnomusicology INET-MD. Therefore Pedro Roxo and Miguel Lourenço presented a communication entitled “Crossing Borders but Mind and Geographic Boundaries Fixing Jazz Music: The Foundation of Hot Clube de Portugal in the late 1940s”, while Pedro Mendes presented a communication that results from research around the HCP Jazz School (nowadays called Luiz Villas-Boas Jazz School), entitled “Our main struggle was to create conditions to be Professional jazz musicians: The beginning of the Hot Club of Portugal’s School of Jazz and the idea of Becoming the ‘Professional jazz musician’”. From Portugal there were also Pedro Cravinho (University of Aveiro), with a communication about the Free Jazz in Portugal during the last years of the Estado Novo period, and José Dias (Universidade Nova de Lisboa) with a communication about Jazz in the European narratives about identity, unity and diversity. This year 94 papers were presented, which represents an increase over previous events and makes good prospects for the next Rhythm Changes edition, taking place in Birmingham in 2016. The HCP expects to be represented again.

# AO JORGE REIS (1959-2014)

Fotografia de Joaquim Mendes

*Escapou-se entre as minhas mãos um amigo.*

*Viveu na fronteira entre o génio e o esquecimento, entre a reserva e a explosão, entre a delicadeza e a força bruta, o abraço e o palavrão, entre o abandono e a entrega, entre a música e o voo dos pássaros. Entre os muitos amigos e a solidão absoluta.*

*Aqui há uns meses disse-me que me ia ensinar música. Avisei-o da dificuldade da tarefa, mas ele insistiu e enviou-me a primeira lição. "Pavane pour une infante défunte", de Ravel. Já ouvi esta peça cem vezes para tentar perceber porque é que não começou por outra coisa qualquer: falámos várias vezes de Wayne Shorter e de Joni Mitchel.*

*Ainda não percebi, mas cada vez que a oúço fico com uma ponta de remorso por não ter tido forças nem arte para o agarrar.*

**Inês Cunha**

*Mesmo antes de começar a tocar contrabaixo, ouvi alguns discos onde o Jorge participou (Nuno Ferreira, por exemplo) e imediatamente criei um enorme fascínio e admiração por ele. Mais tarde, tive a sorte de tocar com ele em diferentes contextos e ainda de o convidar para tocar e gravar com o meu grupo. De todos esses momentos, tanto em palco como fora dele, senti-me um privilegiado por poder estar com o Jorge. Ele era um músico único, com uma criatividade e espontaneidade inacreditável. Como pessoa, destacava-se pela facilidade com que conversava com qualquer pessoa, sobre os mais variados temas. Era comum falarmos de filosofia bem como do melhor restaurante chinês em Lisboa (para ele era um atrás da Almirante Reis, onde o menu não tinha uma única palavra escrita em português). Tenho muitas saudades, fazes cá muita falta, Reis!*

**André Carvalho**

*O Jorge Reis foi uma pessoa especial para mim, que muito me ajudou enquanto seu aluno e, posteriormente, colega. Um músico inspirador com uma capacidade incrível de fazer boa música e com um som de Soprano único e inconfundível. Muitos bons momentos passei com ele e que ficarão para sempre na minha cabeça.*

**César Cardoso**

*A sua personalidade irreverente  
A forma desinteressada de estar  
A amizade fortíssima  
A inteligência muito para lá do comum  
A companhia sempre bem disposta  
A musicalidade genial  
E todas as outras qualidades inesquecíveis  
Fazem do Jorge Reis uma das pessoas mais marcantes  
De toda a minha vida!!!  
Obrigado, Jorge...*

**Paulo Gaspar**

*O Jorge tinha aquela loucura sã de um músico improvisador. A música que povoava a sua mente era tal que poderia fazer um concerto sem preparar qualquer repertório, assim no momento. Conheci-o no final dos anos 80 e desde então passou a ser um companheiro nesta aventura de se ser músico de jazz em Portugal. Sinto muito a sua ausência.*

**André Sousa Machado**

*É sempre muito difícil aceitar a despedida de um amigo que fez parte das nossas vidas durante tantos anos.*

*O Jorge era um original, um fora de série. Todos sabíamos isso. Um músico de uma intuição extraordinária e uma personalidade extremamente generosa. A música do Jorge é exactamente igual à pessoa que era - complexa, misteriosa, sofisticada e profunda. O sentido de humor surrealista, os caminhos imprevisíveis dos solos inspirados que fazia, aquele sorriso gigante que desarmava qualquer um vão deixar muitas saudades. Foi-se um amigo e um músico que era admirado por todos os colegas, sem excepção.*

**Filipe Melo**

*Fiquei mais próximo do Jorge nestes últimos anos.*

*Os concertos, as jams, as conversas e trocas de ideias eram cada vez mais frequentes. A medida que esses anos foram passando fui-me apercebendo também da sua profundidade, não só como músico mas também como pessoa. O Jorge continuava a procurar ligação e evolução na sua forma de arte.*

**Luís Candeias**

*Jorge Reis era um grande.*

*Desde os míticos tempos do Hot nos anos 80, em que ele aparecia de sax às costas vindo dos ensaios da Sinfónica, que o conheço na música, no jazz, na amizade, no sentido de humor, na inteligência, na vida. Foram anos de ensaios, concertos, aulas, conversas, risos e também tristezas. Mas o Jorge era o Jorge, e estava lá sempre.*

*Um dia deixou de estar, foi-se embora.*

*Com uma sensibilidade fora do comum, tocava como ninguém (entenda-se: tocava maravilhosamente bem, e como mais ninguém, ou seja, num estilo totalmente original, sem aquelas malhas que o império do jazz tece).*

*Era um dos poucos imediatamente identificáveis com a primeira nota, coisa rara no mundo da música. Tinha um fraseio sofisticado mas sempre cristalino, com um sentido lírico e rítmico inabaláveis.*

*Dono de uma sonoridade única no saxofone, transmitia uma autoridade que se impunha naturalmente e uma voz que permanece. Uma voz "que implica a subjectividade que se exprime a si própria", como diz o filósofo Mladen Dolar, "e que habita os meios de expressão". Talvez não se tenha ido embora, talvez o tenham vindo buscar para que a sua voz soe mais alto e mais longe.*

*Não é assim com todos os grandes?*

**Pedro Moreira**

*Tive a honra e o "cagaço" de contar com o Jorge para o meu 1.º disco enquanto líder. Aquilo que me fascinava enquanto músico era a sua imprevisibilidade enquanto solista, acompanhá-lo era um duro desafio. Por vezes parava de tocar e ficava só a ouvir e a pensar para mim: "como é possível?". Era um génio, tocado por alguém ou algo superior. No soprano era um deus! Cada nota que tocava soava como a definitiva e a única possível. Como pessoa era desconcertante, no fundo tocava aquilo que era como pessoa. Sentido de humor apuradíssimo e por vezes também difícil de seguir. Partiu cedo, deixou a música e a genialidade e um vazio difícil de preencher pela pessoa e o músico. Até sempre, Reis!*

**Bruno Santos**

# OJÇAM LÁ ISTO

## AS ESCOLHAS DE...

Luís Cunha



### 1. MONK WITH SONNY ROLLINS

**Thelonius Monk** < PRESTIGE 7053

Foi um dos primeiros discos de Jazz do meu Pai que encontrei lá em casa. Adoro estes temas do Monk e a sua "intro" em "Smoke Gets in Your Eyes" é definitiva. Também neste tema é curioso (e genial) a citação motívica (e o seu desenvolvimento) no início do solo de Monk do tema principal de "Bolero" de Ravel...

Para além de Rollins e de Blakey em grande forma gostei de conhecer aqui o trompetista Ray Copeland que podemos ouvir no tema "Locomotive".

### 2. CLIFFORD BROWN WITH STRINGS

**Clifford Brown** < EMARCY RECORDS MG-36005

Eis aqui a junção perfeita entre o quinteto de Clifford e os arranjos de Neal Hefti tocados em orquestra de cordas. É impossível para mim tocar um destes *standards* sem me lembrar desta versão do Clifford e da maneira como cada um deles foi imortalizado neste registo.

### 3. GNU HIGH

**Kenny Wheeler** < ECM 1069

Penso que foi o primeiro disco de Kenny Wheeler que ouvi e fiquei logo impressionado com a sua música e a sua virtuosa maneira de tocar. Queria também referir o elenco de luxo que juntamente com KW faz este disco ser incrível. Obrigado, Tomás!

### 4. WATER BABIES

**Miles Davis** < SONY RECORDS -SRCS 9307

Foi difícil escolher um disco do Miles, este é apenas um deles (que saltou da prateleira) com um elenco de luxo. Gostaria de referir apenas o último tema do disco como um dos meus preferidos "Dual Mr. Tillman Anthony".

### 5. RAZOR'S EDGE

**Dave Holland Quintet** < ECM 1353

A primeira formação do quinteto do DH, (ou quase penso que a primeira teria Julian Priester no trombone aqui substituído pelo Robin Eubanks). Todos os solistas são incríveis, gosto muito da onda misteriosa deste disco.

### 6. MAGICO

**Charlie Haden/Jan Garbarek/Egberto Gismonti** < ECM 1151

Aqui está um disco da ECM que está para muita gente para lá do aceitável (*risos*); eu pelo contrário gosto bastante. Sou fã do Gismonti (e do seu super virtuosismo na guitarra e no piano), do Garbarek (com um som inconfundível, tem um só som em qualquer dos sax's que soa como se fosse um só instrumento com a sua assinatura tímbrica) e o Haden (genial nos seus solos e na interação com o grupo). A música de Gismonti são canções (quase infantis) que depois evoluem para improvisações coletivas e livres. Gostaria de salientar também o incrível tema de CH, "Silence", que para mim é um dos melhores temas do disco.

### 7. GILLESPIANA

**Dizzy Gillespie** < VERVE MGV 8394

Este álbum é especial! Também é um disco do meu Pai que adorei logo que o ouvi pela primeira vez. É um disco de 1960, do Dizzy, com todo o seu virtuosismo e linguagem única no trompete. Lalo Schiffrin é o autor da música e dos arranjos para uma orquestra com uma enorme (brass section): 1 sax alto, flauta e *piccolo*; 4 trompetes; 4 trompas; 4 trombones, tuba, piano, bateria e percussão. A música é incrível, faz por vezes lembrar o ambiente da banda sonora da serie original "Mission Impossible", visto Schiffrin ter sido o autor da mesma.

### 8. FACING YOU

**Keith Jarrett** < ECM 1017

É o seu primeiro disco a solo (para mim um dos melhores discos de piano solo). Jarrett é incrível, genial e virtuoso, os temas são líricos e cheios de improvisação livre, bem à sua maneira como podemos ver também no seu "Koln Concert" (1975). Mas para mim, este é especial, não me canso de ouvi-lo.

### 9. MATITA PERÊ

**Antônio Carlos Jobim** < PHILIPS 6349071

Tinha que escolher um disco de música brasileira. Não foi nada fácil, no fim da minha escolha ficaram dois: o "Matita" do Tom e outro disco muito importante para mim, o "Imyra Tayra e Ipy", do cantor Taiguara Chalar da Silva. Mítico, misterioso, controverso, cheio de estórias, com o virtuosismo de Taiguara na voz, no piano e nas suas composições. Para além de um elenco de luxo numa orquestra enorme, conta com arranjos incríveis do grande Hermeto Pascoal. Vale a pena ouvir e saber mais sobre ele! Agora acerca do "Matita": é um disco fantástico, arrisco-me a dizer que é o meu preferido do Tom, deve ser o seu disco "menos comercial", visto que contém apenas duas canções "Águas de Março" e "Ana Luíza". Os restantes temas são composições maiores que o habitual (em forma de "suite" ou mesmo "through-composed") como se pode ouvir já no tema "Matita Perê" (e daí até ao final do disco). É um disco maioritariamente instrumental em que Jobim assume a influência, referência e gosto pelo estilo Impressionista de Debussy, Ravel e Villa-Lobos. Este conta também com excelentes arranjos de Claus Ogerman e de Dori Caymmi.

### 10. DESCOLAGEM

**Septeto de Tomás Pimentel** < EL TATU EDITOR ET94001

É um disco muito importante para mim, (o meu primeiro contacto com o "Jazz Português"). Foi-me dado pelo próprio Tomás, ouvi-o vezes sem conta, foi um dos que me fez ir para o piano "sacar os temas" (e depois ir ter com o Tomás e ver se estavam bem transcritos). Grandes músicos, grandes composições e arranjos dos temas e altíssimos solos. Um abraço a todos eles e um especial ao Jorge.

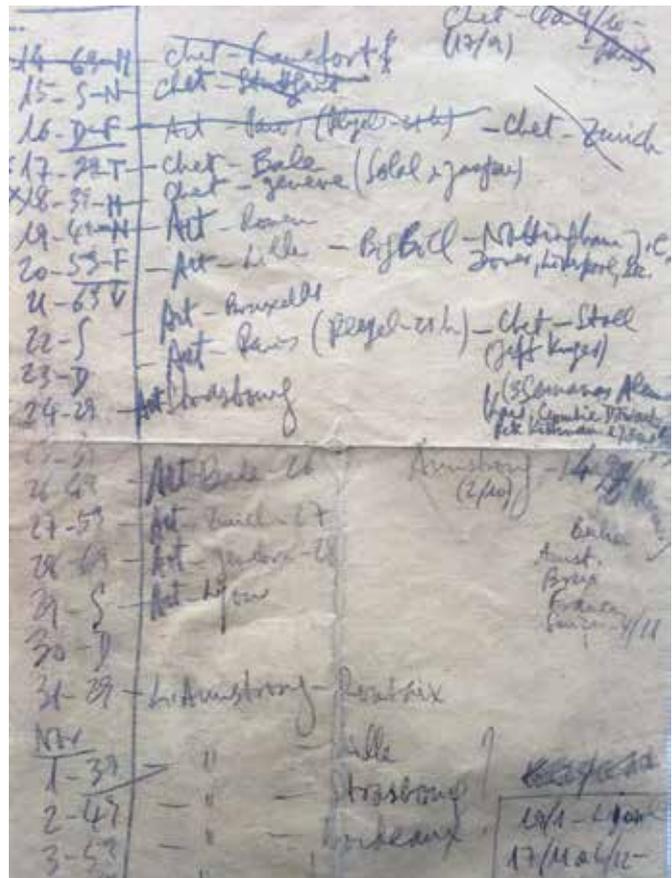
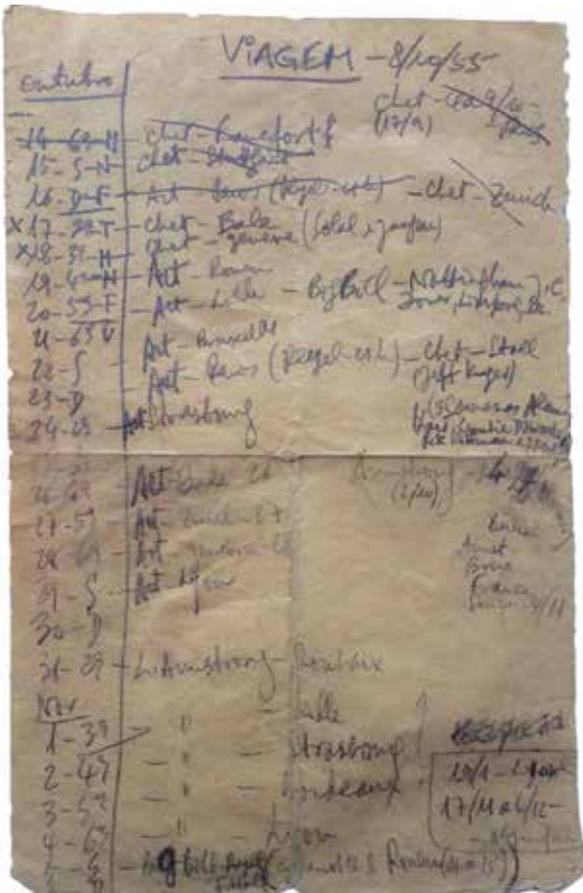
# POST-IT

## MEMÓRIAS DO HCP

Por Inês Cunha

A internacionalização do Hot começou logo pelo Luiz Villas-Boas.

Pode dizer-se até, que ainda usufruímos do que ele “semeou” nos anos em que calcorreou o mundo atrás dos grandes nomes do Jazz. Com uma personalidade carismática, um domínio pouco comum, à época, da língua inglesa, e uma grande dose de “lata”, o Luiz abordava e conquistava os grandes nomes do Jazz com quem, não por acaso, se cruzava. Já aqui se falou da sua organização



aparentemente caótica, e dos documentos manuscritos em que registava tudo o que fazia ou tencionava fazer.

Neste plano de viagem, datado de 08.10.55, o Luiz ia ver o Chet (Baker?), o Art (Blakey?) e o Louis Armstrong. Como guardava os programas dos concertos, invariavelmente autografados, não será difícil descobrir se de facto lá conseguiu estar.

> Francamente inútil mas deliciosa é a sua colecção de sinais “Do not Disturb”.



Inês Cunha